

MEMÓRIAS E GLÓRIAS DO DESPORTO BARCELENSE - Djair Santos, Gil Vicente (1973 -1977)

O primeiro guarda-redes brasileiro a jogar em Portugal

NUNO DANTAS

nunodantas@jornaldebarcelos.com.pt

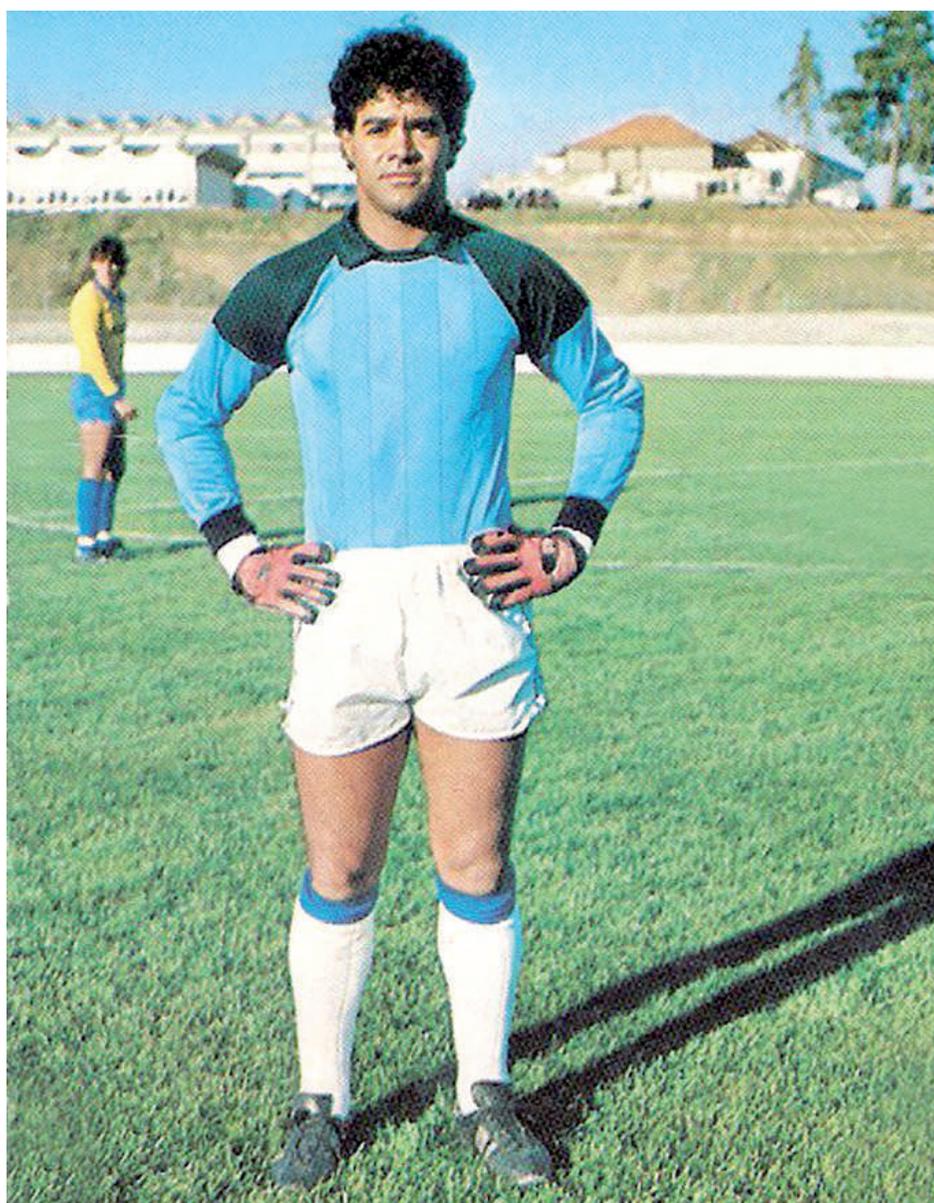
Saiu do Rio de Janeiro com 20 anos e rumou a Barcelos, tornando-se no primeiro guarda-redes brasileiro a jogar em Portugal. Djair Santos defendeu as redes do Gil Vicente durante apenas quatro temporadas, mas adoptou a cidade para sempre. Diz que a adaptação foi fácil e, por isso, por cá casou, por cá teve três filhos e por cá fez vida a vender automóveis, depois de deixar o futebol. Orgulha-se de nunca ter sido expulso, de nunca ter falhado um treino e de nunca ter perdido uma noite de sono enquanto foi profissional do futebol. Por aí, se explica a longínqua carreira de Djair: jogou até aos 42 anos, altura em que, após três épocas consecutivas a sagrar-se campeão, decidiu arrumar as luvas. Aos 64 anos, está afastado do futebol, apesar de ter o quarto nível de treinador. Porém, mostra-se crítico pela falta de aproveitamento nas camadas jovens e lembra que, para treinar, não basta ter conhecimentos e passado: “É preciso um empurrãozinho”. Djair diz que é um privilegiado por ter muitos amigos, mas salienta que isso só acontece porque sempre manteve “postura de dignidade”.

O COMEÇO

Encontrámos Djair Santos num stand de automóveis em Abade de Neiva, para onde foi ‘contratado’ há pouco tempo. Recebe-nos com um sorriso no rosto e cheio de simpatia, mesmo antes de saber quem éramos. “Pensei que já ia vender um automóvel”, gracejou. O ex-craque do Gil Vicente começou a jogar futebol com 12 anos, no Flamengo. Passou pelo Bom Sucesso e, depois de fazer uma excelente época ao serviço do Ferroviário do Recife, foi contratado por João Trigueiros para o Gil Vicente. “Vim para Bar-



Eduardo Morgado



DR

celos com 20 anos. Sempre fui aventureiro e disse aos meus pais que um dia, se me dessem oportunidade para ser profissional de futebol, não voltava mais. E não voltei”, começou por revelar ao JB o ex-guarda-redes. Na altura, pouco ou nada sabia de Portugal. “Só conhecia por causa do Eusébio. No Brasil, diziam

que era o Pelé de Portugal”, contou.

Tal como referimos, Djair só deixou de jogar aos 42 anos. O segredo do sucesso e da longevidade foi o trabalho. “Não é à toa que fui campeão em muitos lados. Os treinadores mandavam o pessoal embora e eu ficava no campo sozinho. Nunca fui expulso, nunca

faltei a um treino, nunca perdi uma noite de sono e nunca tive lesões”, revela. Por outro lado, era “muito determinado e, se tivesse de morrer em campo, morria”. “Não tinha medo de nada. Não sabia perder, entrava ali para ganhar e, por isso, as pessoas diziam que eu era um gigante na baliza”, refere.

POSIÇÃO INGRATA

Apesar de ter sido “um grande guarda-redes”, Djair podia ter evoluído ainda mais, uma vez que, à época, não havia treino específico para guarda-redes, era logo “remates à baliza”. “Não interessava o posicionamento, não interessava nada. Eu tive grandes treinadores, mas você ia ver o treino e era só correr hora e meia à volta de um campo. Bola, nada! Tínhamos um treino de conjunto, uma vez por semana, o que era muito pouco”, recorda. Por isso, não tem dúvidas: “O futebol mudou muito”. “Na altura só havia um treinador, que tinha de dar a preparação física, sem conhecimento, a componente técnica, tática, de treinar guarda-redes... era muito complicado”, reconhece. A jogar numa posição “muito ingrata”, um guarda-redes tem de ser “muito bem trabalhado psicologicamente” para saber lidar com o erro. “Você faz uma grande exibição, salva a equipa de uma goleada, e depois sofre um gol, nem que seja de penálti: há sempre quem diga ‘devia ir para a direita, devia ir para a esquerda’. Num estádio com 100 mil pessoas, 50 quer o seu bem, 50 quer o seu mal”, atira. Ainda assim, Djair Santos lembra que os guarda-redes de hoje em dia “têm psicólogo, têm médico, têm massagista, etc.”. “Têm um acompanhamento que no meu tempo não havia”, salienta. Uma das principais façanhas de Djair foi ter defendido quatro penaltis num só jogo. “As pessoas diziam que eu era bruxo, mas

era aquela determinação”, conta, rindo, e prossegue, explicando o segredo: “Na altura, à segunda-feira, comprava o jornal e ia ver os jogos. Por exemplo, o Famalicão tinha ganhado por 1-0, de penálti. Eu, através de amigos, ia tentar saber quem e para onde tinha batido a penalidade e tomava nota. Quando ia jogar contra aquela equipa, se fosse esse a bater o penálti, já sabia para que lado ia”.

TREINADOR NÍVEL IV

Com o curso de treinador de nível IV, Djair acredita ter condições para treinar qualquer equipa, com exceção... “do Benfica, Porto ou Sporting, porque é preciso outro estatuto”. “No futebol, não basta ter canudo, ter passado, ter conhecimento. Precisa de um bom empresário, de alguém que lhe dê um empurrão. Em Portugal, devemos ter entre cinco a oito mil treinadores de futebol profissional e só cabem 30 ou 40”, aponta.

O ex-guarda-redes não consegue compreender como é que há treinadores que são despedidos de um clube e, na semana seguinte, “já estão noutra”. “Quer dizer, se não servem para A, servem para B? Isso mete-me impressão. Se me saísse o Euromilhões amanhã, arranjava logo uma equipa, porque havia dinheiro por trás. Isso é mau”, conclui.

O ex-guarda-redes critica ainda a falta de aproveitamento dos “nossos talentos” e dá o Gil Vicente como exemplo: “O Ruca treinava uma equipa de juniores há uns dez anos. Ali só havia talentos. Cadê desses talentos? Lembro-me de um Tiago, que era cobijado pelo Benfica, que agora está num clube modesto. Dessa geração, onde só havia craques, só o Tinoco singrou no futebol. Onde estão os outros? É falta de qualidade? Não, é falta de aposta. Hoje em dia, esses jogadores podiam ser uns Capucho, Carlitos ou Dito”.

Perfil

Nome: Djair Santos
Idade: 64 anos
Clubes onde jogou: Flamengo, Bom Sucesso, Ferroviário do Recife, Gil Vicente, Famalicão, Vianense, Chaves, Varzim, Valdevez, Felgueiras, Bragança, Esposende, Lamego e Ponte da Barca
Profissão: Vendedor de automóveis